



Carro danificado em local de ataque a bomba em Kerman durante cerimônia em homenagem ao general iraniano Qasim Soleimani

Atentado mata quase 100 no Irã e eleva risco de guerra ampla no Oriente Médio

Bombas miram cerimônia sobre general morto pelos EUA em 2019; Teerã acusa Washington e Israel

Ignor Cielow

SÃO PAULO Pelo menos 95 pessoas morreram em um ataque terrorista no Irã nesta quarta-feira (3), elevando ainda mais a tensão no Oriente Médio e o risco de um deslocamento regional da guerra entre Israel e seus adversários, ora focada no embate entre Tel Aviv e o grupo terrorista palestino Hamas. Ainda mais uma cerimônia que marcou o quarto ano do assassinato pelo EUA do principal general iraniano, Qasim Soleimani, morto ao ser alvo de um drone no aeroporto de Bagdá. Pelo menos 21 pessoas ficaram feridas.

Segundo a agência Tasnim, ligada à Guarda Revolucionária do Irã, duas bombas explodiram em pastas foram detonadas por controle remoto, uma a cerca de 700 metros do

túmulo de Soleimani e outra, a quase 1 km, no cemitério de Kerman (820 km a sudeste de Teerã). Inicialmente, a contagem era de 73 mortos, depois passou a 123, mas foi refutada. O ataque não tinha autoria reivindicada até a conclusão desta edição — há diversos grupos contrários a Teerã em operação no país. O Departamento de Estado americano negou qualquer envolvimento e disse não acreditar que os israelenses estariam por trás do ato.

Mais tarde, um assessor do presidente iraniano, Ebrahim Raisi, responsabilizou Teerã e Washington pelas explosões. "Washington diz que os Estados Unidos e Israel não tiveram nada a ver com o atentado terrorista em Kerman. Não se enganam. A responsabilidade por este crime recai nos regimes americano

e sionista", afirmou Moham-mad Jarmahi no X.

De lados opostos no Oriente Médio, o aliado do Irã Vladimir Putin e a adversária União Europeia condenaram a

Ataques no Irã



ação como um ato terrorista.

Suleimani, que era chefe da força de elite Quds, é um herói nacional. Foi um dos principais artífices da expansão militar do Irã por meio de prepostos no Oriente Médio, notadamente o Hezbollah libanês, o Hamas palestino e os rebeldes hutitas do Iêmen. Com efeito, as forças ensaiam uma ordem unida, dissuadida até aqui devido à forte presença militar americana para proteger a guerra que Israel travou contra o Hamas na Faixa de Gaza, iniciada após o grupo terrorista atacar o país e deixar cerca de 1.200 mortos em 7 de outubro.

O atentado ocorre um dia depois de Israel matar em Beirute um líder do Hamas, Saleh al-Arouri. Foi a mais importante ação de Tel Aviv fora de suas fronteiras desde o início da guerra, ainda mais

no quintal do Hezbollah. A provocação dupla, para a qual Israel diz estar preparado para reagir de qualquer forma, levou o líder do grupo extremista libanês, xeque Hassan Nasrallah, a fazer um raro pronunciamento em TV, o segundo desde o início do conflito. Segundo ele, a morte de Arouri foi um "grande, perigoso crime sobre o qual não podemos silenciar", mas ficou raso — voltou a advertir Israel de que uma guerra contra o bem armado grupo que lidera seria desastrosa para Tel Aviv. Até aqui, o Hezbollah tem falado grosso, mas agido de forma comedida, assim como o Irã. O grupo tem trocado fogo com os israelenses diariamente e se orgulha de ter comprometido a fazer um terço das forças do rival na frente norte, mas não escalou a

guerra — o último combate aberto entre ambos os lados ocorreu em 2026.

Isso ocorre por diversos motivos: a presença ostensiva de dois grupos de porta-vozes em prontidão na região, o temor de perda de apoio popular numa guerra que não é bem vista pelos libaneses, e o fato de o Irã, patrono do Hezbollah, também não desejar um conflito generalizado que abale ainda mais sua economia. Tudo isso, claro, pode mudar numa fração de segundo. Enquanto isso, a rotina de escaramuças seguiu no norte israelense, com dois soldados feridos por mísseis antitank lançados pelo Hezbollah, evento seguido pela retaliação de praxe de Tel Aviv.

No Telegram, o Hamas disse que a morte de seu líder em Beirute "prova que o inimigo é um perigo para a nação" e afirmou que o assassinato, por um ataque com drone, "aumenta sua determinação em lutar". Arouri era o número 2 da ala política do grupo terrorista.

Em Gaza, as operações continuam, apesar da redução de contingente determinada pelo governo de Binyamin Netanyahu. A retaliação israelense no território palestino já matou mais de 22 mil pessoas e disparou uma crise humanitária inaudita na região.

Ainda não se sabe o plano de Israel, mas relatos na imprensa do país sugerem que pode haver um deslocamento de efetivo para o norte, visando se preparar de vez o sul libanês e retirar o Hezbollah para os limites da fronteira determinada em 2006 pelas Nações Unidas.

Se isso ocorrer, a ideia de escalada ganha força, a depender da reação do grupo xiita. Na outra frente secundária da guerra, mas talvez a mais importante hoje em termos de impacto mundial, os hutitas voltaram a alvejar navios de carga no mar Vermelho, mas não os atingiram. Ação mudou radicalmente o caminho do transporte marítimo no globo, do qual 15% passa pela região. Transportadoras passaram a fazer rotas mais longas, contornando a África, para ligar a Europa ao Oriente Médio e à Ásia. Os Estados Unidos criaram uma força-tarefa, baseada em ativos já presentes na região contra piratas, para tentar cobrir os ataques. No domingo (3), afundaram pela primeira vez lanchas de ataque hutitas, levando à questão se o país de Joe Biden irá escalar sua ação e bombardear bases dos rebeldes aliados do Irã, que travam uma guerra civil desde 2014 no Iêmen.

Ataques maciços da Rússia abrem nova fase da Guerra da Ucrânia

GUERRA DA UCRÂNIA

SÃO PAULO A virada de ano abriu uma nova fase na Guerra da Ucrânia, que se aproxima de completar o segundo aniversário no fim de fevereiro. Com impeto renovado pelas posições política e militar reforçadas no conflito, a Rússia lançou seus mais potentes ataques aéreos desde o início da guerra, empurrando o vizinho para posição defensiva após o fracasso da contra-ofensiva lançada em junho.

Kiev, por sua vez, tem tentado mostrar iniciativa com ataques mais intensos contra o território russo, na região de Belgorod (sul do país).

Após executar a mais mortífera ação desde a invasão russa, quando matou 25 civis no sábado (30), nesta quarta (3) lançou novamente mísseis e drones na área, sem causar danos aparentes.

É um ponto nevrálgico para o presidente Vladimir Putin, que já prometeu vingança pelo ataque de sábado, mas o contexto da nova fase da guerra lhe é favorável. Desde a sexta-feira (29), ao menos 300 mísseis e drones foram disparados contra as principais cidades ucranianas, a co-

meçar pela capital.

O maior ataque de 2023 ocorreu na sexta, sendo quase repetido em intensidade na terça (3), quando cinco pessoas morreram em Kiev e Kharkiv, a segunda maior cidade do país, próxima da linha das batalhas. Segundo a Ukrenerg, operadores local de energia, já há danos consideráveis à distribuição de eletricidade em parte do inverno, com temperaturas rondando zero grau. Como no ano passado, o objetivo russo parece ser atacar o moral, mas o escopo da ação é outro.

Como já haviam advertido os especialistas militares e alguns governos, como o do Reino Unido, a Rússia parece ter de fato recomposto sua capacidade de produção militar. Segundo o analista militar russo Ivan Barabanov, a propaganda oficial de que ela foi quadruplicada em alguns setores pode ter exageros, mas reflete uma realidade.

Partes da indústria foram configuradas para a guerra", diz, estimando que com a reabertura do fluxo de chipmuns de apoio de países amigos como a China e a Índia, os rus-

As fases do conflito

FASE 1 Choque, pavor e fracasso

Putin invade em três frentes simultâneas

FASE 2 Donbass e Mariupol

Foco em Dorbas, no leste; Moscou conquista Mariupol

FASE 3 A reação de Kiev

Ucrânia retoma territórios em Kharkiv; Putin anexa províncias

FASE 4 Jogo de pressão

Retomada de Kherson e vitória russa em Bakhmut

FASE 5 Contraofensiva e motim

Ante dificuldade de avanços do Grupo Wagner expõe instabilidade russa

FASE 6 Impeto russo renovado

Ante dificuldade de avanços dos dois lados no inverno, Moscou testa defesas ciclotônicas em ataques aéreos maciços

sois hoje podem produzir até 300 mísseis de alta precisão por mês, contra 10 antes da guerra.

Ao longo de 2023, o Kremlin dosou seu emprego para economizá-los para as ações de inverno, e os ataques maciços da virada do ano, em que ondas de drones foram sucedidas por mísseis balísticos, de cruzeiro e até hipersônicos, sugerem que as defesas antiaéreas ocidentais do país podem ter chegado a um ponto de sobrecarga.

Tudo isso configura a nova fase da guerra, numa divisão arbitrária que mostra outras cinco etapas anteriores à atual. Esse sexto capítulo é, como os outros, uma continuação dos acontecimentos passados.

A quinta fase foi a mais longa, com dinâmica em campo com a contraofensiva ucraniana e fatos de impacto, como o motim no exército na Rússia.

O cenário desafiador para Putin foi ultrapassado, não sem arranhões, mas a presidência está na posição mais confortável desde que suas tropas foram puxadas de volta do Irã na abertura da guerra.

Mais importante, há uma maré política do vento em curso. Putin, que caminha pa-

ra seu quinto mandato presidencial na eleição russa de março, mira o pleito americano de novembro. A eventual vitória dos republicanos de Donald Trump deverá coroar o movimento atual dos EUA, de deter apoio militar a Kiev.

Surgem relatos no Ocidente de que os russos estão dispostos a negociar — numa posição aparente de força. A essa altura, são mais reveladores da vontade dos EUA e aliados de que Kiev aceite perdas para acabar com a guerra. IG

CONCURSO PÚBLICO

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO TOCANTINS

CARGO:
PROCURADOR JURÍDICO

Sala para inscrição: 05 VAGAS

INSCRIÇÃO: DE 18/01/2024

SAÍDA: R\$ 32.228,49

contato@legislativa.to.gov.br